



Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Diálogos arquetípicos: as deusas como fonte de inspiração para criações cênicas

Entrevista com Luciana Aires Mesquita
Concedida a Maria Brígida de Miranda | Revisora: Denize Gonzaga

Para citar este artigo:

MESQUITA, Luciana Aires. Diálogos arquetípicos: as deusas como fonte de inspiração para criações cênicas. [Entrevista concedida a Maria Brígida de Miranda. Revisora: Denize Gonzaga]. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n.55, ago. 2025.



DOI: 10.5965/1414573102552025e0503



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Diálogos arquetípicos: as deusas como fonte de inspiração para criações cênicas¹

Entrevista com Luciana Aires Mesquita²

Concedida a Maria Brígida de Miranda³ | Revisora: Denize Gonzaga

Resumo

Em agosto de 2024, a Dra. Luciana Aires Mesquita iniciou o projeto de pós-doutorado, intitulado “Mitoludens entre Deusas e Sambaquis,” como bolsista da FAPESC, sob a supervisão da Dra. Maria Brígida de Miranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC). Ao longo de um ano, a parceria desdobrou-se em várias atividades acadêmicas e artísticas, como espetáculos, palestras e produções filmicas disponibilizadas em plataformas da web. Nesta entrevista realizada por Miranda, Mesquita refletiu sobre o campo da psicologia arquetípica criada por James Hillman e sobre a experiência de criação cênica a partir do estudo de deusas e deuses da mitologia grega.

Palavras-chave: Mitologia. Arquétipos. Feminismo. Deidades. Criação cênica.

Archetypal dialogues: goddesses as a source of inspiration for stage creations

Abstract

In August 2024, Dr. Luciana Aires Mesquita began the postdoctoral project “Mitoludens between Goddesses and Sambaquis,” as a FAPESC Fellow, under the supervision of Dr. Maria Brígida de Miranda in the Graduate Program in Performing Arts at the State University of Santa Catarina (PPGAC/UDESC). Over the course of a year, the partnership resulted in several academic and artistic activities, such as performances, lectures, and film productions made available on web platforms. In this interview with Miranda, Mesquita reflected on the field of archetypal psychology created by James Hillman and the experience of creating stage productions based on the study of goddesses and gods from Greek mythology.

Keywords: Mythology. Archetypes. Feminism. Deities. Stage creation.

Diálogos arquetípicos: diosas como fuente de inspiración para creaciones escénicas

Resumen

En agosto de 2024, la Dra. Luciana Aires Mesquita inició el proyecto posdoctoral “Mitoludens entre Diosas y Sambaquis”, como becaria de la FAPESC, bajo la supervisión de la Dra. Maria Brígida de Miranda, en el Programa de Posgrado en Artes Escénicas de la Universidad Estatal de Santa Catarina (PPGAC/UDESC). A lo largo de un año, la colaboración se tradujo en diversas actividades académicas y artísticas, como performances, conferencias y producciones cinematográficas disponibles en plataformas web. En esta entrevista con Miranda, Mesquita reflexionó sobre el campo de la psicología arquetípica creado por James Hillman y la experiencia de crear producciones escénicas basadas en el estudio de diosas y dioses de la mitología griega.

Palabras clave: Mitología. Arquétipos. Feminismo. Deidades. Creación escénica.

¹ Esta entrevista é uma produção conjunta do Projeto de Pesquisa “CURARTE – Práticas cênicas para o bem-viver: estudos de gênero e feminismos nas artes da cena” (CNPq e UDESC), Processo: 407191/2023-2, aprovado na Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa A - Grupos Emergentes; e do Projeto de pós-doutorado da Dra. Luciana Aires Mesquita, intitulado “Mitoludens entre Deusas e Sambaquis”, agraciado com Bolsa da FAPESC (2024-2025). A coordenação da pesquisa CURARTE e a supervisão do pós-doutorado da Dra. Mesquita são feitas pela Dra. Maria Brígida de Miranda, na Linha de Pesquisa “Imagens Políticas” - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC).

² Pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC), com Bolsa da FAPESC no período de 08/2024 a 08/2025. Doutorado em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com Bolsa da CAPES/PDSE Grécia. Mestrado em Estudos Mitológicos, com ênfase em Psicologia Profunda pela Pacific Graduate Institute (PGI), Califórnia, EUA, com Bolsa da OEA/OAS). Bacharelado em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (UnB).

 mitoludens@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/0259823397610928>  <https://orcid.org/0000-0003-0920-1784>

³ Pós-doutorado em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ). Doutorado em Teatro pela La Trobe University (LTU), Austrália. Mestrado em Master of Arts pela University of Exeter (EU), Inglaterra. Graduação em Licenciatura em Educação Artística, Universidade de Brasília (UnB), Brasil. Professora Titular do Departamento de Artes Cênicas e da Linha de Pesquisa Imagens Políticas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC);

 maria.miranda@udesc.br  <http://lattes.cnpq.br/6580699080518678>  <https://orcid.org/0000-0002-0828-8585>

Apresentação



Maria Brígida de Miranda
Foto: Luís Vieira Miranda. Acervo Pessoal



Luciana Aires Mesquita
Foto: Richard Alexander. Acervo Pessoal

Conduzi a seguinte entrevista ao final do estágio pós-doutoral de 12 meses realizado pela Dra. Luciana Aires Mesquita como bolsista da FAPESC no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC). Tive o privilégio de supervisionar e acompanhar algumas das suas inúmeras ações no Centro de Artes, Design e Moda (CEART/UDESC) e ver os resultados de outras ações artísticas e de pesquisa tanto em Florianópolis como em Laguna. O propósito desta entrevista é compartilhar um pouco do conhecimento e das produções da artista e pesquisadora para além dos documentos institucionais, como relatórios finais que acompanham os deveres de bolsistas de pós-graduação.

Conheci Luciana quando éramos graduandas no Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB), onde eu fiz Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas e ela, o Bacharelado em Artes Cênicas. Desde então,



nos últimos 30 anos, mantivemos alguma forma de contato por carta, e-mails e breves cafés em alguma visita minha a Brasília. Pude acompanhar seu interesse e busca por uma formação acadêmica e artística, o que lhe exigiu dedicação e coragem de viajar por diferentes países na década de 1990, um período analógico da comunicação e das fotografias. Aliás, me recordo de ver algumas de suas fotografias em papel fotográfico como pistas de suas viagens de jovem artista-pesquisadora. Numa das imagens, Luciana estava sentada ao lado do renomado artista japonês de dança *Butoh*, Kazuo Ohno; em outra, ela estava vestida com um quimono e era guiada por uma professora japonesa em passos de *Nihon Buyō*, danças tradicionais do Japão.

A jornada de Luciana estava apenas começando; depois que concluiu a graduação na UnB, logo em seguida buscou uma formação sólida em Psicologia Arquetípica nos Estados Unidos da América, aprofundando seus conhecimentos entre artes da cena e mitologias. Nesta entrevista, ela nos revela passagens e descobertas deste caminho de estudo e investigação trilhado em diferentes partes do mundo.

Entrevista

Maria Brígida de Miranda: Luciana, como contribuição ao PPGAC, nós oferecemos juntas a disciplina “Seminário Temático I: Mitologia através das lentes arquetípicas proposições para experiências cênicas,” com quatro créditos, para os cursos de mestrado e doutorado em Artes Cênicas no primeiro semestre de 2025. Foi a oportunidade de entrelaçarmos os estudos arquetípicos de deidades da mitologia grega clássica a exercícios e práticas de criação de dramaturgia e cena com uma perspectiva feminista. Depois de ter vivenciado tudo isso, gostaria de saber como, para você, os estudos da psicologia arquetípica dialogam com os estudos feministas.

Luciana Aires Mesquita: A proposta da psicologia arquetípica é, em síntese, rever os arquétipos da mitologia grega, que se apresentam em linguagem universal e metafórica, para um modo de pensamento profundo sobre as grandes questões nas quais estamos inseridas/os. Nesta abordagem, todos os arquétipos podem e devem ser revistos. A ideia é que, nesta revisão, desatemos nós que nos



aprisionam em modos culturais que não nos servem mais e caminhemos para uma jornada mais fluida, com vistas ao pós-patriarcado. Essa premissa - de fazer gentis reversões imaginando um mundo *pós-patriarcal* - já é, a meu ver, um modo e método de rever, relacionar, encarar, revolucionar e, por fim, “estar em alma” no enfrentamento e nos diálogos com todo tipo de questão. Como estamos falando de deusas e deuses, trata-se de um modo politeísta, pagão e não dogmático, o que nos dá toda a liberdade para re-imaginarmos esses arquétipos, trazendo novos olhares — talvez mais amadurecidos, mais inclusivos, preservando a diversidade — e, principalmente, promovendo reflexão sobre valores esquecidos e cultivando essa imaginação poética. As histórias mitológicas são complexas; não podemos mudá-las, de outro modo, estaríamos contando outra história, mas podemos lançar novos olhares para elas, atualizando-as. Os padrões arquetípicos são mesmo universais e a Grécia Antiga foi um berço que recebeu influências de todos os países da Bacia do Mediterrâneo, desde o Egito e países que hoje compõem a Síria, Iraque, Palestina e Turquia, até todos aqueles povos antigos do leste da Ásia, com milênios de história. Todos foram muito criativos e valorizaram as grandes virtudes da Natureza. Atualizá-los de modo também imaginal, com alma - que tem sua morada no coração -, é um dos maiores desafios dessa proposta arquetípica.

James Hillman é um pensador pós-junguiano central da psicologia arquetípica, uma proposta criada em 1970. *Re-visioning Psychology* foi lançado em 1975, nos EUA, e traduzido aqui no Brasil somente em 2010. Hillman retoma conceitos fundamentais de Jung, como “anima”, “arquétipos”, “alquimia” e os libertam dos consultórios de psicanálise, fazendo-nos entender que a psicologia arquetípica se conecta mais com o modo imaginal e com a cultura do que com a clínica médica.

Quanto aos estudos de gênero, o autor tem o cuidado de não cair nas categorizações de pares de opostos; de acordo com ele, a personalidade se compõe com muitos outros traços além da origem sexual. Procura pelas estruturas de consciência. Para Hillman, a alma é feminina, tanto nos homens quanto nas mulheres. Preconceitos sociais, questões econômicas e violência devem ser tratados, claro. No entanto, não se deixa confundir com as estruturas



de consciência nem tampouco com os estereótipos do feminino ou masculino. Além de ser um grande pensador, ele trabalha com os sonhos, com as imagens que se apresentam no sonho, que são mais fenômenos do que categorias organizadas pela psicologia social. Em suas aulas, repetia sempre: *fiquem com a imagem!* A imagem é anterior à palavra e ao julgamento. De acordo com Giambattista Vico, filósofo iluminista (1668-1744), a imaginação é a primeira estrutura da psique; ela guarda uma linguagem metafórica, poética, luminosa, que cria sentido, paixão e fábulas, uma linguagem da alma.

A psicologia arquetípica dialoga com várias áreas por estar re-imaginando o mundo em seus vários desdobramentos e desafios atuais. O ecofeminismo é um ramo afinado com a psicologia arquetípica e, por consequência, com a ecopsicologia, por entender que não há como excluir a ecologia de absolutamente nada. Somos Natureza. Quando sonhamos com o mar, somos o mar, somos a pedra, somos a flor, o cavalo, a baleia, o vento, enfim. Ao se pensar as deusas e os deuses em suas múltiplas funções, saímos da “monocultura da mente”, como nos coloca a física, ativista ambiental e ecofeminista indiana Vandana Shiva. Saímos do monoteísmo para um diálogo profundo de inclusão e diversidade que nos acolhe com todas as diferenças que somos. Dentre seus vários compromissos, Shiva também é professora no Pacifica Graduate Institute, escola de pós-graduação pós-junguiana na Califórnia. Por sua vez, Lori Pye, presidenta da Viridis Graduate Institute, é uma grande personalidade que revoluciona o modo de pensar reconfigurando narrativas prejudiciais que sustentam comportamentos e práticas destrutivas para o meio ambiente e para os outros. O prefácio do livro editado por Theodore Roszak, *Ecopsychology: restoring the heart, healing the mind* (1995), é escrito por James Hillman e Lester Brown.

Ao longo do curso no PPGAC, você apresentou algumas autoras cujos aportes teóricos sobre mitos femininos pareciam trazer um olhar feminista.

Sim, há várias pensadoras na psicologia arquetípica que são fundamentais para o meu entender feminista, destacando-se Christine Downing, Ginette Paris e Marion Woodman. As três foram minhas professoras no Pacifica Graduate Institute e me ajudaram muito nas reflexões sobre o patriarcado e no imaginar um mundo *pós-*



patriarcal. Downing foi a primeira mulher presidenta da Academia Americana de Religião e autora de vários livros que advogam o feminino, infelizmente nenhum traduzido para o português. Entre eles, destacam-se *The Goddess: Mythological Images of the Feminine* (1981); *Journey through Menopause: A Personal Rite of Passage* (1987); *Myths and Mysteries of Same-Sex Love* (1989); *Women's Mysteries: Toward a Poetics of Gender* (1992). Além destes, o livro *Gods in Our Midst* (1993) é bem especial porque traz seu olhar enquanto mulher sobre os deuses; o subtítulo é *Mythological Images of the Masculine: A Woman's View*. É também bem importante a edição de *The Long Journey Home: Re-visioning the Myth of Demeter and Persephone for Our Time* (2001). Neste livro, a autora reúne pelo menos dez pensadoras para discutirem as várias faces e interpretações que este mito nos apresenta. Já Ginette Paris tem uma obra em português, e devo dizer que amo seu olhar sobre as deusas do panteão grego Héstia, Afrodite e Ártemis em *Meditações Pagãs* (1991). Seus outros livros, inclusive a obra *Pagan Grace* (1990), que faz uma leitura arquetípica de Dioniso e Hermes e da titânida Mnemósine, não foram traduzidos para o português. Paris tem um olhar bem afinado e crítico, o que nos faz ver para além de estereótipos, alcançando raízes profundas dessas deusas e deuses no contexto cultural atual. Seu livro, *O Sacramento do Aborto* (1992), traduzido para o português em 2000, foi adotado em todas as clínicas americanas de aborto, com o propósito de oferecer novas visões às mulheres, buscando libertá-las de dogmas e da noção de pecado, presentes na psique com o sentimento de culpa. Com o estudo da deusa Ártemis, Paris demonstra que o aborto também é um ato sagrado. Já a autora Marion Woodman, que esteve no Brasil oferecendo workshops com o método por ela desenvolvido e intitulado *Body & Soul*, propõe-se a trabalhar com a imaginação ativa para trazer o inconsciente para a consciência, conectando-se ao sagrado feminino. Ela faleceu em 2018, mas suas parceiras Ann Skinner e Mary Hamilton mantêm a Marion Woodman Foundation, além de um grupo de mulheres bem engajadas que oferecem workshops no mundo todo. No Brasil, o projeto dessa fundação é coordenado por Márcia Bittencourt e tem como colaboradoras Maria Zelia de Alvarenga, Laís Dias, Andrea Capezzuto e Patrícia Pernambuco.

Figura 1: Christine Downing ministrando palestra no curso “Myth & Dream”, Grécia, 2004.
Foto: Luciana Aires Mesquita, 2004. Acervo pessoal.

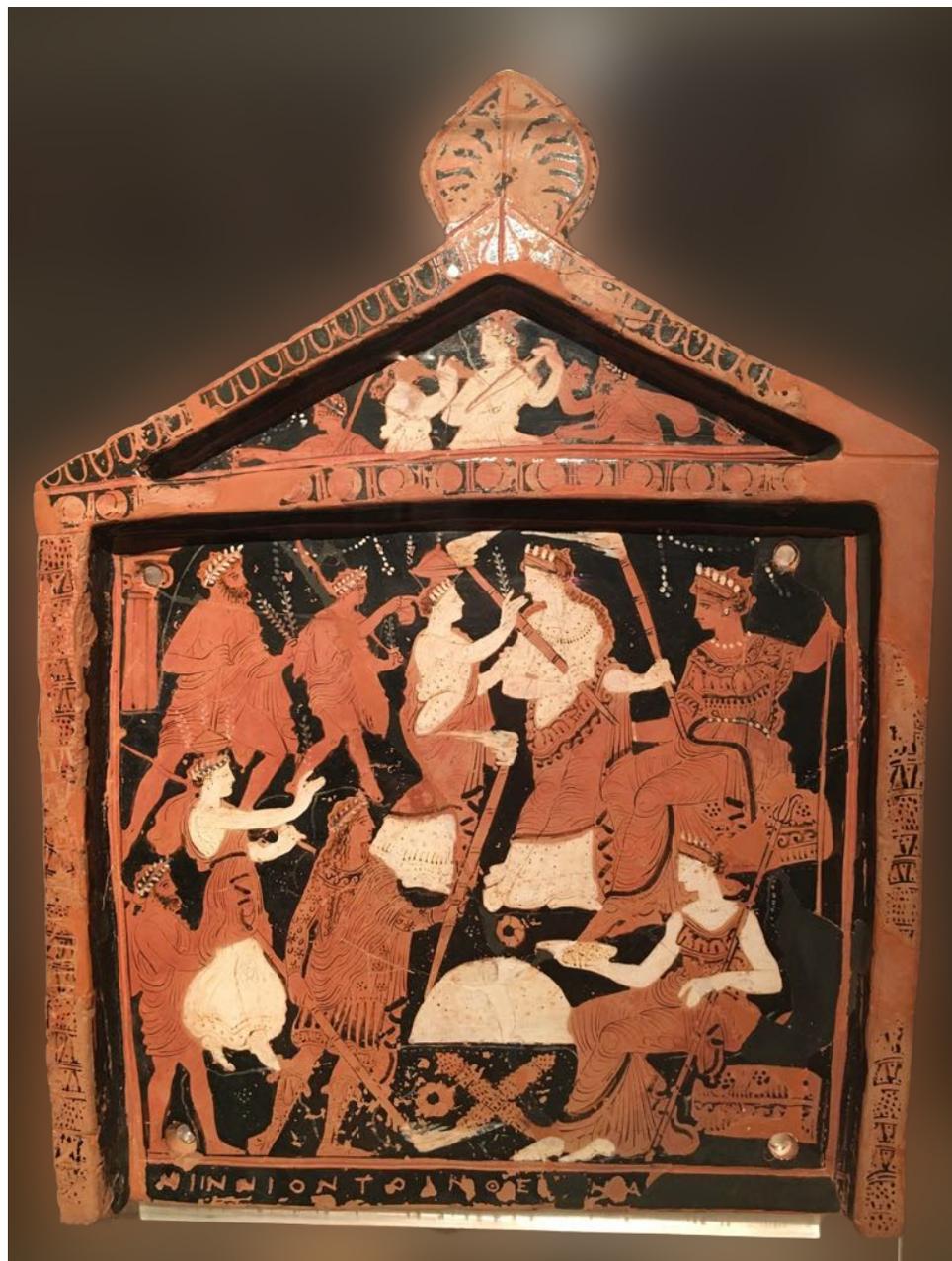


Figuras como Deméter e Perséfone — na tradição mítica grega, sua filha e do grande deus Zeus — são duas deusas que parecem ser abertas para uma discussão ecofeminista e você apontou possibilidades.

Não só elas, mas todas as deusas e deuses estão abertos para uma revisão arquetípica e para um diálogo ecofeminista, uma vez que todas/os são personificações da Grande Natureza, filhas/os de Gaia. Talvez Deméter e Perséfone sejam mais discutidas entre feministas e ecofeministas, por pertencerem à tradição das deusas Mãe-Terra, trazendo o alimento e a fertilidade, sustentando os ciclos da vida. Seu foco está na Terra, e não no Olimpo, morada dos deuses. Perséfone é raptada para o mundo dos mortos, o que acomete Deméter de uma depressão. Diante disso, ela cria sua própria alquimia, através da dor, do humor e da raiva, negocia com Zeus para que sua filha volte ao mundo dos vivos, fazendo-nos refletir também sobre morte e renascimento. Toda a estória é bem complexa, com diferentes pontos de vista. As feministas mais radicais consideram a participação de Hades e Zeus neste mito como intrusões do masculino em um mundo intrinsecamente feminino. Análises da autora Patricia Berry (escritos entre 1972-1982) enfocam a depressão vivida por Deméter. Outras autoras trazem os abusos sofridos por Perséfone, e as ecofeministas, incluso Downing, enfatizam o ciclo da vida com as estações do ano e as perspectivas de Gaia e Réia com a

fertilidade e renovação da Terra. O que faz uma boa estória são essas complexidades e seus diferentes olhares para nos fazer refletir e nos colocar dentro da estória também como participantes ativas. As estórias mitológicas não contam tudo; deixam-nos espaços para nos incluímos e nos conectarmos com questões maiores de nossa casa, o planeta Terra, o sagrado feminino, os ciclos da vida. Assim, essas estórias se mantêm atuais e trazem engajamento.

Figura 2 - Placa votiva de terracota representando elementos dos Mistérios de Elêusis, descoberta no Sítio Arqueológico de Elêusis, meados séc. IV a. C. Fonte: Museu Arqueológico Nacional de Atenas. Foto: Luciana Aires Mesquita, 2019.





Quais são as possibilidades e os limites para tais aproximações?

Penso que o grande presente que o olhar da psicologia arquetípica nos oferece é a possibilidade de sairmos dos estereótipos para alcançarmos a essência ou aspectos mais profundos que cada arquétipo nos apresenta com suas metáforas. Os arquétipos, além de conversar com nossa intimidade, trazem um olhar amplo para questões globais. Ficar apenas no estereótipo é um atalho fácil, um caminho já percorrido e extenuado. É mais do mesmo que não queremos. Afrodite é poluída de estereótipos, passando a ser nome de motéis e *sex shops*, é retratada com todo tipo de banalidade; Héstia pode ficar confinada para sempre em uma cozinha; Atena, deusa da sabedoria, talvez nunca reconheça que tem uma mãe; Ártemis passa a ser inapropriada e imatura nas batalhas, em vez de protetora das águas doces e de seu reino sagrado de animais com ancestralidades que a conectam com a Grande Deusa Natureza do Egeu na Idade do Bronze. O que fizemos com elas? Ou o que o patriarcado fez com essas deusas que eram sagradas? O desafio é conseguir ver através dos jargões e trazer dimensões que nos conectam conosco de forma mais ampla e libertadora, conectando-se com o que a psicologia arquetípica chama de *anima mundi*, a alma do mundo; nessa perspectiva o mundo tem uma alma. Conseguir fazer esses entrecruzamentos e trazer essas dimensões é o que me encanta.

Mas você me perguntou sobre os limites. Não podemos mudar o padrão que cada arquétipo nos traz. Por exemplo, Perséfone foi raptada. Não posso mudar isso, senão estaria contando outra estória. Mas posso imaginar como foi este rapto para Perséfone; esta parte do mito não é contada. O que aconteceu lá no mundo dos mortos entre Hades e Perséfone? O que faz Perséfone ser a rainha da Morada dos Mortos, por exemplo? O que Perséfone tem a dizer sobre isso? Partes das estórias que não são contadas podem ser imaginadas. Abre-se, portanto, espaço para incluir o interlocutor, o outro, as dores e delícias do mundo, enfim, como você quiser imaginar com a profundidade que conseguir abarcar. Como estamos falando de deusas e deuses, de cosmovisões, as perspectivas são infinitas, e isso vai te pedir sensibilidade, profundidade e formação sócio-cultural-política bem afinadas e amplas para compreender onde estão as amarras que nos prendem e cegam. Em contrapartida, para perceber que tudo é sagrado, experiencio que o



conectar-se com a Natureza, com nossos sentidos — corpo, respiração, silêncio, intuição... — e só muito depois com a razão, conduzem a profunda reverência ao sagrado. Por isso o trabalho com o corpo e com a voz, em texturas sonoras, me encanta; são anteriores à palavra, são instintivos. O trabalho com a imagem nesse sentido é engajador.

Trabalhamos juntas neste entrelaçamento entre deidades femininas da mitologia grega na disciplina “Introdução ao Teatro Feminista”, em 2/2024, no PPGAC/UDESC, quando você conduziu improvisações sobre vários mitos e estados alquímicos. Esse material gerou uma performance ao final do curso e posteriormente você continuou o processo com Fabrício Theiss e Kauana Machado, culminando no espetáculo de teatro-dança *Alquimias de Perséfone*. Naquele momento, você também conduziu os exercícios cênicos. Quais foram as bases cênicas para tais exercícios?

Obrigada pela pergunta. Estou gostando muito de trabalhar *Alquimias de Perséfone*. Acho que a primeira base é cultivar o engajamento com a estória mitológica em si, colocando-se no lugar do outro. Trago interrogações que não necessariamente têm uma resposta imediata, mas que geram reflexões mais profundas e imaginários diversos. Imediatamente, dançamos ou cantamos essas interrogações através da improvisação, com boas músicas e pausas para o silêncio, desenhos e anotações. Visualizamos, ouvimos e desenhamos os sonhos – Jung e Nise da Silveira, presentes! Venho com a proposta de laboratórios, imersões profundas e alquímicas. Deixar o corpo soltar as contradições, se alegrar com a própria dança, suar - não de cansaço, mas de êxtase por estar dançando e fazer transmutações. O “porquê” não interessa muito, é maior do que podemos responder, mas perguntas como “o que”, “onde”, “como”, “quando”, enquanto estão improvisando, trazem mais detalhamento e foco: “o que você/personagem está fazendo?”; “onde você está?”; “quando isso acontece - dia ou noite, luz, chuva, sol, lua?”; “em qual atmosfera?” - ampliam a imagem na qual os atores-dançarinos estão inseridos, e isso traz engajamento com a imaginação, que está em comunicação direta com o corpo em movimento e vice-versa, numa via de mão dupla. Esse engajamento com o imaginário é muito criativo e focado; potencializa e já direciona a ação da/o intérprete. E, na medida em que emergem movimentos espontâneos e recorrentes, entro com os direcionamentos e as técnicas corporais.

A técnica corporal vem depois ou concomitantemente com a jornada criativa - não antes. Preciso conhecer os limites daqueles corpos para expandi-los. Repetimos determinados movimentos, até que se sintam seguros com seus corpos em desdobramentos e até que a mágica aconteça. Em geral, fico muito curiosa para ver como aquela estória alimenta a imaginação, produz movimentos e linguagens diversas. Cada estória mitológica é uma fonte muito rica que pode desdobrar-se na mitopoética que desejar: seja no teatro, dança, pintura, escultura, música, desenho animado, história em quadrinhos, fotografia, poesia, literatura, cinema, enfim. Kauana Machado e Fabrício Theiss fizeram um excelente trabalho de viagem de ida e volta ao reino subterrâneo, através do teatro-dança.

Figura 3: Fabrício Theiss e Kauana Machado, *Alquimias de Perséfone*, maio 2025.
Crédito: Anna Luísa Pacheco, maio 2025. Acervo pessoal.





É preciso ter bases firmes, seja em movimentos de devaneios, extáticos, lentos, velozes, suaves ou bruscos. As técnicas são várias: aprendizados adquiridos no Japão (*Butoh*, *Buyo*, *Noh*), na Índia (*Kathakali*), na Indonésia (*Baris*); na graduação com as técnicas do “teatro antropológico” do *Odin Teatret*; nas residências artísticas com Enrique Pardo e Linda Wise no Chateâu de Malérargues, no sul da França, oferecidas pelo *Panthéâtre*; além de workshops que também me são referenciais, como os de Maurice Durozier, Paul Heritage, Meredith Monk, *5Rhythms* de Gabrielle Roth, *Do-Ho* de Toshi Tanaka e Ciça Ohno, *Vox Mundi – Yoga da Voz*, de Silvia Nakkach, com o canto hindu e a caixinha de música, *Shruti Box*, que oferece um excelente suporte à voz; cursos de sonhos com Corintha Maciel, Moacir Rodrigues, Stephen Aizenstat e diversos encontros junguianos. Meu encontro com a *Pedra Filosofal*, esculpida por Jung em seu jardim na casa de Bollingen, foi marcante. Preciso sonhar antes de realizar qualquer coisa. Minha prática pessoal diária de treinamento psicofísico é *Iyengar Yoga* e meditação, o que também influencia meus trabalhos. *Alquimias de Perséfone* vai iniciar agora experimentos vocais, com algumas inspirações de Yoga da Voz e de Meredith Monk, que tem a voz como uma linguagem em si mesma, sem ser um texto propriamente escrito. Penso que modos evocativos, assim como os mitos, o corpo que dança e a voz, levam-nos a descobrir modos instintivos, intuitivos, pré-lógicos e são muito criativos. Na verdade, todas essas técnicas vão se ajustando conforme o momento e as necessidades, mas sempre parto da improvisação com o corpo. Começo as aulas com meditação, trazendo o silêncio e a sacralidade para o espaço. *Alquimias de Perséfone* foi dividida em cinco atos. Assim foi possível trabalhar por etapas e em profundidade, relacionando-as aos estudos alquímicos de Hillman, que traz um trabalho primoroso com as cores alquímicas. Gabriela Luz Rocco, da licenciatura em Artes Cênicas, com apoio do LUZ laboratório cênico, fez a iluminação inspirada também nas cores alquímicas. Ou seja, meu trabalho tem alguma afinação com os escritos de Artaud em Teatro Alquímico e propostas laboratoriais de Grotowski e, claro, com Jung e pesquisadores arquetípicos. Em se tratando do mito de Deméter, a pesquisa advém do doutorado que realizei no PPGADC da UNICAMP. Na época, obtive uma Bolsa CAPES/PDSE e realizei a pesquisa de campo e bibliográfica na Grécia e no Egito, onde tive a oportunidade de estudar os mistérios eleusinos, o sítio arqueológico de Elêusis onde eram

realizados os Grandes Mistérios de Deméter e as Tumbas Tebanas de *Deir el-Medina* do Antigo Egito (Idade do Bronze).

Figura 4 - Luciana Aires Mesquita no *Telesterion*, Sítio Arqueológico de Elêusis, Elefsina, Grécia. Crédito: Christina Mitsopoulou, 2019. Acervo pessoal.



Figura 5: Luciana Aires Mesquita em Tumba de *Anherkha* TT 359, 20ª. Dinastia, *Deir el-Medina*, Antigo Egito. Crédito: Ahmed Mohamed, 2019. Acervo pessoal.



O que você acha mais desafiador no seu trabalho?

Aqui vale uma reflexão sobre o contexto cultural brasileiro atual e que me alegra muito: estamos em um processo fértil e muito lindo de valorização da cultura originária do país com os povos indígenas. Os autores indígenas fazem parte de meus estudos. Busco diálogos entre mitologias todo o tempo sem compará-las; evidencio, antes, a riqueza dos temas.

Figura 6 - Ngreimoron Kayapó, Luciana Aires Mesquita e Pãnhkarã Kayapó. Crédito: Izaltino Guimarães, 2007. Acervo pessoal.



A filha da chuva na mitologia Kayapó, por exemplo, foi raptada e traz a abundância dos alimentos. Nos mitos *Kura-Bakairi*, os alimentos são herança dos antepassados. Em contrapartida, as tristes e inaceitáveis cenas de crianças com fome desesperadas por farinha na Palestina remontam tragicamente ao mito de Deméter, a deusa dos pães. Este mito pode muito bem conversar com todas essas facetas e tragicidades, uma vez que ela, a mãe dolorosa, cessa de conceder



alimentos à humanidade e passa por várias transmutações de humor até conseguir novamente resgatar sua fertilidade e doar alimentos. Ao mesmo tempo, dançavam no inverno, celebravam a primavera, faziam chover, saudavam o sol e ritualizavam os primeiros frutos. Encontro muita riqueza nesses diálogos multiculturais, especialmente se não perdem a profundidade que cada cultura apresenta. Estamos assistindo à morte da “civilização ocidental”, tragicamente, e vivemos tempos muito obscuros, de total barbárie. Ao mesmo tempo, vivemos uma renascença de culturas ancestrais na América Latina, desde a descoberta de sítios arqueológicos na Amazônia até vozes indígenas fortalecidas. Há uma beleza em ver pessoas no mundo inteiro se unindo contra barbáries, ouvir as vozes de lideranças indígenas, de mulheres e afrodescendentes se fortalecendo.

A dificuldade, ao meu ver, é o preconceito. O preconceito com os povos originários no Brasil é histórico. E há também a tendência em destruir (e não desconstruir no sentido de Derrida), tudo que aparece como rótulo “cultura ocidental”, mesmo sendo referência às mitologias pagãs que carregam tantas memórias da humanidade, anteriores à tradição judaico-cristã. Enfrento muito preconceito em aulas e cursos que oferecem de mitologia, alquimia e psicologia arquetípica. Vou tentando esclarecer que, em se tratando de Grécia Antiga, por exemplo, nos esquecemos que o mundo politeísta era bem globalizado com todo tipo de trocas culturais entre a Anatólia, Mesopotâmia, o Levante, Chipre, norte da África, e que essas civilizações construíram suas tradições religiosas desde pelo menos a Idade do Bronze. Todos esses povos e culturas tiveram suas tradições e ritos proibidos sob pena de morte ao final do séc. IV d.C. pelo imperador romano Teodósio I. Todos os templos gregos e de nações vizinhas tiveram seus portões encerrados, seus templos destruídos a marretadas e queimados. A Grécia passou a ser província de Roma. Seria mais correto dizer “cultura romana”, que se separou da cultura oriental e impôs a religião judaico-cristã como a única permitida. Preciso frisar isso em todas as minhas aulas. A Grécia hoje também está repensando e se reestruturando decolonialmente. Nesse sentido, preciso agradecer ao palestino-estadunidense Edward Said (1935-2023), professor do campo dos estudos literários e um dos fundadores dos estudos pós-coloniais, por evidenciar/denunciar a visão colonizadora “ocidental” do mundo oriental. Ainda



mais próximo, Boaventura de Sousa Santos, meus imensos agradecimentos. Estou atenta a tudo isso. De qualquer modo, não podemos nos tornar ufanistas; todo povo tem suas mitologias e todas guardam qualidades imensuráveis. Fazer alianças míticas é uma proposta do reconhecido autor, pensador e ativista indígena Ailton Krenak, de quem gosto muito. A linguagem universal das mitologias guarda qualidades que, apesar de estarem presentes no nosso cotidiano, se tornaram invisíveis e esquecidas, se não apagadas — quase não sabemos sobre as deusas-mãe Hator, Inanna, Ishtar, Shapesh, Asherah, Asasara, que alimentaram essas culturas antigas. O fundamentalismo continua destruindo a marretadas e bombas qualquer referência ao mundo pagão. Roberto Gambini nos adverte que tampouco sabemos sobre nossa “mãe indígena”, totalmente ignorada. Estamos, finalmente, através das perpétuas lutas dos povos indígenas, assumindo e valorizando a raiz ancestral indígena brasileira.

Em tempos de crise, voltar aos saberes antigos é um oásis! Nesse aspecto, faz-se urgente retomarmos valores primordiais, de *todas* as culturas. E ainda, todos os arquétipos trazem suas sombras, não são pensados idealmente, o que é fascinante, porque nos inclui com nossos aspectos menos dignos; também podem vir carregados de clausuras que perduram ainda hoje ou são manipulados de acordo com as amarras políticas de uma dada época. Por isso devem ser revistos. A mitologia também nos ensina a sair da pseudoinocência. Sofremos um processo brutal de doutrinação religiosa, de ditaduras, de guerras, de modos patriarcais. Rever e atualizar os arquétipos é trabalho árduo. James Hillman diz que podemos nos tornar budistas, zen-budistas, vedantas, etc., que, ainda assim, não conseguimos nos livrar do peso do pecado, tamanha foi a doutrinação judaico-cristã que sofremos. Faz-se necessário rever os modos fundantes de toda cultura; do contrário, não trazemos consciência. E sem consciência caímos em ciclos viciosos, violentos, barbáricos, asfixiantes, claustrofóbicos, genocidas. O grande propósito dos estudos mitológicos é trazer consciência.

Figura 7 - Mulheres egípcias fazendo pães, Gourná, Egito.
Crédito: Luciana Aires Mesquita, 2019. Acervo pessoal.



Luciana Aires Mesquita: Mas para você, Brígida, especialmente feminista, como o olhar da psicologia arquetípica te toca?

Maria Brígida de Miranda: Eu aprendi muito ouvindo suas palestras sobre esse campo de estudos e descobrindo mais sobre sua trajetória dedicada aos estudos teóricos e ao enriquecimento de ações cênicas por meio do acesso ao imaginário mítico. É estimulante observar como você desenvolve projetos nos mais variados formatos, desde filmes, performances, cursos e residências artísticas, propondo alianças entre áreas de conhecimento e entre culturas diversas.

Nos últimos anos, tenho me interessado em saber mais sobre o ecofeminismo,



por meio de obras e entrevistas de ativistas e pesquisadoras como a já citada Vandana Shiva e a pesquisadora brasileira e religiosa Ivone Gebara. Em publicação recente, intitulada *Esperança Feminista* (2022), uma parceria com outra importante feminista brasileira, Debora Diniz, elas explicam como o projeto do livro surgiu durante a pandemia de Covid-19. Mesmo sem se conhecerem, buscaram entre elas apoio e esperança, a despeito das diferenças de formação — uma fundada na religião católica e outra no espaço laico da academia. Tudo isso para lutar contra o desamparo daquele momento de luto e de uma orquestrada necropolítica do regime de extrema-direita que ocupou o governo executivo federal de 2018 a 2022, e que infelizmente continua ocupando a maior parte das cadeiras do Congresso Nacional. Em encontros online às sextas-feiras, as autoras e os participantes das transmissões remotas conjugaram 12 verbos feministas, quais sejam: “ouvir”, “imaginar”, “aproximar”, “acalentar”, “lembrar”, “recriar”, “celebrar”, “compartilhar”, “perguntar”, “falar”, “desobedecer”. De acordo com elas,

Era preciso estranhar a conjugação patriarcal naturalizada em nós. O normal das regras jamais foi justo com as mulheres e outras gentes oprimidas pelas regras do corpo, da raça, da sexualidade ou do gênero. O normal tem nome e predicados – é o patriarcado racista e suas tramas perversas que discriminam corpos. [...] Tristemente, é um regime de poder, hierarquizante e excludente, que, com diferentes intensidades, todos nós reproduzimos (Gebara; Diniz, 2022, p. 08).

Eu acredito que, na disciplina que ministramos no PPGAC, exercitamos vários desses verbos que Gebara e Diniz discutem em sua obra. E penso que, ao estudarmos os mitos com enfoque nas deusas, nos deslocamos de um arcabouço judaico-cristão onde a figura da deidade feminina foi destituída e destruída. Isso se faz importante porque o imaginário sobre tudo que é considerado e construído como feminino foi paulatinamente relegado a lugares subalternos, subservientes e, nos processos coloniais, orquestrado por países do continente europeu destinados a ser explorados. Considero que lembrar que existiram culturas onde as deusas tinham seus lugares e poderes em uma visão politeísta seja o primeiro passo para instaurar um imaginário diferente nas artes da cena. Recordo-me de ver o entusiasmo do nosso pequeno grupo de discentes de pós-graduação à medida que a cada aula você descrevia a estrutura arquetípica de algumas das deusas na disciplina “Seminário Temático I: Mitologia através das lentes

arquetípicas proposições para experiências cênicas”. O mito das deusas Deméter e Perséfone parece ter tocado profundamente todas as participantes. Tanto, que sobre elas duas das criações cênicas se debruçaram. Foi o que nós chamamos de sementes de performances e espetáculos. A doutoranda Patrícia Creti começou a germinar um texto cênico que dialoga com a realidade contemporânea e que problematiza a falta de contato com a terra; a musicista Natacha Kamila iniciou um processo de criação cênica sobre a relação de mãe e filha ancorada no mito de Deméter e Perséfone; já a doutoranda Lorena Lopes criou um solo cômico inspirado no mito de Afrodite. Aliás, foi curioso ver como o solo está se transformando em um espetáculo de palhaçaria feminista com a participação da mestrande e palhaça profissional Bia Alvarez e interessante observar como cada uma dessas mulheres pesquisadoras ouviram suas palestras, imaginaram e recriaram as figuras das deusas a partir de suas experiências pessoais. Nos últimos dias de aula, nos dedicamos um pouco mais a experiências cênicas, e me parece que houve tanto um compartilhamento de experiências como uma celebração de estarmos juntas nesse processo que é ao mesmo tempo pesquisa acadêmica, experiência no campo da criação cênica e partilha de experiências pessoais.

Maria Brígida de Miranda: Para encerrar, eu gostaria de perguntar como foi produzir o curta-metragem *Sonho Sambaqui*. Você discorre em suas aulas sobre a importância dos sonhos e é interessante ver a sua busca por pesquisas no campo da arqueologia sobre os sambaquis da região de Santa Catarina. Como esse mundo dos mortos, dos povos antigos alimenta seus sonhos?

Luciana Aires Mesquita: A arqueologia me fascina. Vejo os arqueólogos como mineradores de beleza e memória que tecem história com arte. São áreas de estudo que muitas vezes não se comunicam bem. A arqueologia tende a não reconhecer os estudos arquetípicos, por não se basear em fatos, mas no imaginal. E a psicologia arquetípica também tende a não reconhecer a arqueologia, devido ao seu cientificismo que descarta o imaginal. Eu gosto de fazer as duas áreas se comunicarem. Para mim, é enriquecedor trazer os dados históricos para o mundo imaginal que objetiva, traz foco e torna as questões ainda mais complexas. Gaston Bachelard (1988) usou o termo “imaginação objetiva” ao poetizar sobre o devaneio. Como estamos em busca de nossas raízes brasileiras e como estou em Santa



Catarina, os sambaquis são a origem mais antiga daqui, com segurança, há pelo menos 4.550 a.C. Vejo muita poesia em corpos enterrados com conchas. Que delicadeza! Rituais com banquetes eram oferecidos aos mortos, com incensos e tantos cuidados. São nossos antepassados, os cuidados e carinhos aos quais a humanidade era atenta. As estruturas sambaquianas foram construídas intencionalmente e a arqueologia encontrou presença de manifestações ritualísticas com alimentos, sementes e incensos aos mortos, além de belíssimos zoólitos – eram artistas! Rituais aos mortos com alimentos são realizados por povos de tradição aqui, no México, Equador, Guatemala, Gana, Índia, Indonésia, China, Japão... tantos lugares valorizam suas raízes ancestrais e sacralizam a vida pós-morte. Que metáfora potente é a semente que atravessa milênios de história – assim, quando enterrada, renasce trazendo alimento. Na verdade, aprendi em uma visita ao MST que não são covas que abrimos para as sementes, mas berços! Não é um milagre que enterramos uma semente e nasce uma laranja, uma melancia, um abacate? É a celebração da vida. Depois, nós todas/os devolvemos nossos corpos à terra.

Em *Sonho Sambaqui*, imaginei uma mulher sambaquiana que passeia por essas terras ancestrais. Quis dar ênfase à paisagem poética por onde andaram os antepassados da humanidade, como em um sonho. O povo antigo sabia muito bem onde enterrar seus mortos, construir seus templos, altares e oferecer seus ritos; eram profundamente conectados com a Natureza. São paisagens poéticas belíssimas e que, de algum modo, não sofreram grandes transformações. Para mim, são espaços sagrados referenciais para a humanidade que devem ser valorizados e preservados. Fazer deles fábrica de cal, pasto para gado e pista de motocross é um escândalo. Revelar a beleza e delicadeza desses espaços com pouquíssima interferência da atriz, mas com a visão de como as imagens se revelam em um sonho, foi minha intenção e, assim, com a expertise do cineasta e montador Armando Bulcão, conseguimos captar e registrar o sonho de uma mulher sambaquiana! Sonhos se esvaem como borboletas... Foi uma ousadia nossa. Estamos nos candidatando a festivais internacionais de curta-metragem. A captação das imagens foi feita com câmera 360°. Outro presente foi a participação de Matheus Werner, da licenciatura em Artes Cênicas na UDESC, e de Liege Rosa, bióloga, que nos guiaram na região de Laguna/SC. Matheus foi um iniciado não só

na arte da gravação, mas também no aprofundamento do reconhecimento das origens ancestrais. Nossos agradecimentos! Agradecemos também ao PPGAC/UDESC e à FAPESC. Foi um ano intenso e frutífero.

Figura 8 - Cineasta Armando Bulcão e Matheus Werner durante filmagem de *Sonho Sambaqui* no Sítio Arqueológico de Garopaba do Sul/SC, 2025.
Crédito: Luciana Aires Mesquita, 2025.



Figura 9 - Imagem da atriz Luciana Aires Mesquita no filme *Sonho Sambaqui*, 2025.
Crédito: fotograma do curta-metragem *Sonho Sambaqui*, 2025





Referencias

- ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BERRY, Patricia. *O Corpo Sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BERRY, Patricia. O Rapto de Deméter/Perséfone e a Neurose. In: Hillman, J. *Encarando os Deuses*. Trad. Cláudio Giordano. São Paulo: Pensamento, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Pensar a Desconstrução*. Org. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- DOWNING, Christine. *The Goddess: Mythological Images of the Feminine*. New York: Continuum, 2000.
- DOWNING, Christine. *The Long Journey Home: Re-visioning the Myth of Demeter and Persephone for Our Time*. Boston & London: Shambhala, 1994.
- DOWNING, Christine. *Gods in Our Midst: Mythological Images of the Masculine: A Woman's View*. New Orleans, Louisiana: Spring Journal Books, 1993.
- DOWNING, Christine. *Women's Mysteries: Toward a Poetics of Gender*. New York, 1992.
- DOWNING, Christine. *Myths and Mysteries of Same-Sex Love*. New York: Continuum, 1989.
- DOWNING, Christine. *Journey through Menopause: A Personal Rite of Passage*. New York: Crossroad, 1987.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho Índio: A Formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi/Terceiro Nome, 2000.
- GEBARA, Ivone; DINIZ, Débora. *Esperança Feminista*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2022.
- GROTOWSKI, Jerzy. *Em Busca de um Teatro Pobre*. Trad. Aldomar Conrado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- HILLMAN, James. *Psicologia Alquímica*. Trad. Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2011.



HILLMAN, James. *Re-vendo a Psicologia*. Trad. Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2010.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de memórias: epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 231-248, dez. 2018.

PARIS, Ginette. *O Sacramento do Aborto*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

PARIS, Ginette. *Meditações Pagãs*. Trad. Sônia Maria Caiuby Labate. Petrópolis: Vozes, 1994.

PARIS, Ginette. *Pagan Grace: Dionysos, Hermes and Goddess Memory in Daily Life*. Woodstock, Connecticut: Spring Publications, 1990.

ROSZAK, Theodore (ed). *Ecopsychology: restoring the heart, healing the mind*. San Francisco: Sierra Club Books, 1995.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas; compilado por Maria Paula Meneses...[et al.]. 1ª. Ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. v.1.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade*. Biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

VICO, Giambattista. *A Nova Ciência*. São Paulo: Hucitec, 2015.

WOODMAN, Marion. *A Feminilidade Consciente: entrevistas com Marion Woodman*. São Paulo: Paulus, 2003.

WOODMAN, Marion. *A Virgem Grávida*. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 1999.

Recebido em: 22/08/2025

Aprovado em: 22/08/2205